



UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO PARA GRAMÁTICA E PARA O ENSINO NO SÉCULO XVII: AMARO DE ROBOREDO

Neusa Barbosa BASTOS¹

(UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie /PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica)

Nancy CASAGRANDE²

(UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie /PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica)

RESUMO: Neste artigo tem-se como objetivo refletir, partindo dos procedimentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística (HL), sobre os métodos possíveis de ensino da Língua Portuguesa, no século XVII. Busca-se mapear as implicações linguísticas, pedagógicas, culturais e ideológicas adotadas em diversos momentos do processo de sistematização de nossa língua materna em Portugal, a fim de se determinar o espírito de época em vigência, bem como analisar o texto *Porta de Línguas* de Amaro de Roboredo, documento que constitui a gramaticografia lusófona do período. Para tanto, tem-se como fundamentação teórica os preceitos da HL, no tocante à metodologia do trabalho historiográfico, visando à interpretação e reconstrução da fonte primária em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística. Século XVII. Gramática. Ensino.

¹ Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos é Pós-Doutora pela Universidade do Porto e pela UTAD (Portugal). Doutora em Linguística Aplicada pela PUC-SP. É Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Atua como consultora ad hoc da CAPES e FAPESP, além de liderar grupos de pesquisa no CNPq voltados à Historiografia e Lusofonia. É editora da revista *Todas as Letras* e premiada pela Academia Brasileira de Filologia (2025) por sua contribuição à Língua Portuguesa. E-mail: < nmbastos@terra.com.br >.

² Nancy Casagrande é Pós-Doutora em Formação de Professores pela Universidade do Porto (2009). Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no Departamento de Ciências da Linguagem e Professora Assistente Doutora da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Doutora (2001) e Mestre (1996) em Língua Portuguesa pela PUC-SP, onde também se graduou em Língua e Literatura Portuguesas. Possui vasta experiência docente no ensino superior, atuando nos cursos de Direito e Pedagogia desde 1997 e 2006, respectivamente. E-mail:< nancy.casagrande@gmail.com >.



*A HISTORIOGRAPHICAL OUTLOOK ON GRAMMAR AND TEACHING IN THE 17TH
CENTURY: AMARO DE ROBOREDO*

ABSTRACT: This article seeks to reflect, based on the theoretical and methodological procedures of Linguistic Historiography (LH – or "HL", in Portuguese), on the possible methods for teaching the Portuguese Language in the 17th century. The objective is to map the linguistic, pedagogical, cultural, and ideological implications adopted at various stages of the process of systematizing our mother tongue in Portugal, in order to determine the prevailing spirit of the time, as well as to analyze the text *Porta de Línguas* by Amaro de Roboredo, a document that constitutes the Lusophone grammatical framework of the period. The theoretical foundation for this study is provided by the principles of LH, regarding the methodology of historiographical work, aiming at the interpretation and reconstruction of the primary source under analysis.

KEYWORDS: Linguistic Historiography, 17th Century, Grammar, Teaching.

INTRODUÇÃO

Visamos a fazer reflexões, a partir dos procedimentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística (HL), sobre os métodos possíveis para apontar os movimentos da Língua Portuguesa, no século XVII, enfocando as implicações linguísticas, pedagógicas, culturais e ideológicas adotadas em diversos momentos do processo de sistematização de nossa língua materna em Portugal, a fim de se determinar o espírito de época em vigência no século mencionado, bem como, analisar o texto *Porta de Línguas* de Amaro de Roboredo, documento que constitui a gramaticografia lusófona do período. Tecemos considerações acerca da metodologia do trabalho historiográfico para sua aplicação na fonte primária selecionada, visando à sua interpretação e reconstrução.

É considerável mencionar que há um grande valor em estudarmos os fatos gramaticais nas obras gramaticais de hoje e dos séculos anteriores para compreendermos os momentos linguísticos dos vários séculos, entendermos a nossa



formação linguística, identitária e cultural, analisarmos as normas, as descrições, as explicações da língua e as variações sociolinguísticas e sobretudo desenvolvermos nossa análise crítica. Convém mencionar BORGES NETO (2022, p. 13):

Apesar de toda a insistência dos linguistas sobre a inadequação descritiva e explicativa da gramática escolar, desde pelo menos o final dos anos sessenta do século XX, e apesar de toda a bateria de propostas pedagógicas de ensino de português como língua materna que excluem o ensino da gramática na escola, a gramática continua tendo lugar de destaque no contexto do ensino de português. Creio que há algumas razões para isso.

Razões essas das quais destacamos: 1^a a necessidade de apoio na metalinguagem gramatical para a descrição e a explicação dos fenômenos linguísticos; 2^a a importância do conteúdo gramatical teórico para preparar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita (BORGES NETO, 2022).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para a metodologia, apoiamo-nos não somente nas ideias linguísticas enquanto produto da época em tela, mas também nos seus mecanismos de produção e de recepção, com vistas a reconhecer os diferentes movimentos que contribuíram para a formulação do conhecimento linguístico que também fazem parte do seu processo histórico. Para iniciarmos nossas considerações sobre a investigação mencionada, partiremos dos pressupostos teóricos da Historiografia da Linguística.

A HL têm estatuto e dimensão sendo entendida como uma disciplina que tem como principais objetivos: “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento de qualquer natureza em um determinado contexto social e cultural através do tempo” (ALTMAN, 1998, p. 25). Nos dias atuais, consideramo-la

como um modelo descritivo e interpretativo do documento com consciência metodológica, observando o passado de forma crítica ao obedecer a um método de estudo ao qual se incorporam as questões social, cultural e ideológica, esta última acrescentada por SWIGGERS (2019, p. 56).³

A língua falada apresenta uma extensa formação ideológica; as atitudes e atividades desenvolvidas em relação à língua também são marcadas por posicionamentos ideológicos. O mesmo acontece quando olhamos para a linguística – apesar da crença sincera na “neutralidade” da ciência. Além do facto de a linguística poder ser criticada de um ponto de vista (neo)marxista enquanto construção teórica, há ideologia(s) da linguística, desde sempre na linguística como ciência com nome próprio, a sua evolução tem sido caracterizada por tensões e oposições de natureza ideológica. Basta mencionar as tensões entre a filologia (clássica) e a linguística comparada (cf. Koerner 1982, Swiggers 1998), a oposição entre a linguística neogramatical e a linguística “naturalista” (cf. Desmet 1996), a reação da escola (neo)idealista contra a linguística dos neogramaticalistas, a crítica do estruturalismo no que diz respeito à linguística tradicional e histórica, as oposições entre escolas estruturalistas e pós-estruturalistas nos Estados Unidos (cf. Murray 1994), ou as lutas entre modelos dentro do generativismo (cf. Harris 1993). (tradução nossa)

Ainda para os passos metodológicos, apoiamo-nos em BATISTA (2025, p. 73) ao ponderar que:

Três etapas conduzem a elaboração de narrações de episódios de história da linguística: a inicial de seleção e organização de fontes; a

³ La lengua que se habla tiene un extenso trasfondo ideológico; las actitudes y actividades emprendidas con respecto a la lengua también están marcadas por posicionamientos ideológicos. Las cosas no son diferentes cuando miramos la lingüística — a pesar de la creencia cándida en la ‘neutralidad’ de la ciencia. Aparte del hecho de que la lingüística puede ser criticada desde un punto de vista (neo)marxista como construcción teórica, hay ideología(s) de la lingüística: desde los inicios de la lingüística como ciencia con denominación propia, su evolución ha sido caracterizada por tensiones y oposiciones de naturaleza ideológica. Bastará mencionar las tensiones entre filología (clásica) y lingüística comparativa (cf. Koerner 1982, Swiggers 1998), la oposición entre la lingüística de tipo neogramático y la lingüística “naturalista” (cf. Desmet 1996), la reacción de la escuela (neo)idealista contra la lingüística de los neogramáticos, la crítica del estructuralismo con respecto a la lingüística tradicional e histórica, las oposiciones entre escuelas estructuralistas y posestructuralistas en los Estados Unidos (cf. Murray 1994), o las luchas entre modelos dentro del generativismo (cf. Harris 1993). (SWIGGERS, 2019, p. 56)

intermediária de análise dessas fontes; e a conclusiva de apresentação dos resultados analíticos.

Cobrindo, portanto, percurso que parte da definição de fatos e documentos históricos e chega à finalização em uma explicação historiográfica, essas etapas constituem percursos comuns em diferentes orientações metodológicas na Historiografia Linguística: busca de e hierarquização de fontes; estabelecimento de problematizações; elaboração de narrativas historiográficas.

MÉTODOS

Compreendemos as três fases necessárias para se elaborar uma narrativa historiográfica: as fases heurística, hermenêutica e executiva. Na fase heurística, entendendo que a HL não pode nem deve ser vista como uma simples "crônica", ou seja, listas de datas, nomes, títulos e eventos ligados às línguas e à linguagem, deve, sim, ser vista como uma atividade historiográfica, que requer, primeiramente, seleção e ordenação dos fatos relevantes para o quadro de reflexão que o historiógrafo constrói. Não se deve, portanto, fazer a inclusão de quaisquer fatos passados só por serem passados, mas mencioná-los para garantir que o olhar do historiógrafo esteja assentado no clima de opinião em que a obra analisada foi gerada.

Na fase hermenêutica, a interpretação relaciona as dimensões cognitivas, sociais e temporais, dimensão externa, buscando respostas para as seguintes perguntas: Como o conhecimento linguístico foi proposto e expresso? De que modo são apresentadas as estratégias de ensino inseridas no espírito de época. Na fase executiva, para elaboração de nossa narrativa historiográfica, fixamo-nos na busca "interpeladora de sentidos que se relacionam com o que foi e com o que é na posição observadora privilegiada que ocupa, os historiógrafos ao olhar o passado". (BATISTA, 2025, p. 81)

Para o historiógrafo da linguística, em suas pesquisas, segundo Koerner (1996, p. 47), é necessário explicar, tanto quanto possível, as razões da mudança

de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar. Sua prática requer, ainda, capacidade de síntese, isto é, a faculdade de destilar o essencial da massa dos fatos empíricos coligidos a partir de fontes primárias.

Convém mencionar, paralelamente, que descrever o processo e a atmosfera de uma “revolução em curso” e trazer essas descobertas empíricas para a perspectiva correta, interpretá-las e oferecer uma explicação adequada dos fatos é tarefa do historiógrafo que considera também os **princípios koernianos** de: **contextualização** ao estabelecer o clima de opinião/espírito de época do período, **imanência** ao avaliar particularmente o objeto de estudo por meio do conhecimento amplo sobre o campo de investigação específico e sobre a história geral, estabelecendo o quadro de definição do período em que se apoiarão as análises e **adequação** ao sentir necessidade de se utilizarem métodos e abordagens que sejam apropriados e ajustados ao objeto de estudo em questão, para garantir que a análise seja precisa e relevante para o momento presente.

CORPUS

Dessa forma, nosso objeto de estudo volta-se para a obra *Porta de Linguas*⁴, publicada em 1623, atribuindo a importância da HL para o processo e aquisição de conhecimentos e considerando o valor necessário aos estudos historiográficos. Em primeiro lugar, teceremos considerações acerca do gramático do século XVII: Amaro de Roboredo que, fundamentado nos monges de Salamanca – “*Ianua Linguarum*”, propôs o ensino de língua portuguesa por meio da frase, dando ao português uma prescrição de regras mais adequadas à estrutura de uma língua analítica e propiciando um aprendizado mais eficaz.

No entanto, cumpre observar, no clima de opinião, a dimensão da obra de Roboredo, para isso, faremos breves considerações sobre a vida de Amaro de Robo

⁴ Será mantida a ortografia vigente na época.

redo, envolvido com a vida eclesiástica e com a elite portuguesa. Conforme o *Dicionário Bibliográfico Português* - Estudos de Innocencio Francisco da Silva, tomo primeiro (Lisboa, 1858, p.?) informa-se ter sido Amaro de Roboredo:

[...] um dos mais célebres gramáticos portugueses; seguiu o estado eclesiástico, e teve um Benefício na Igreja de Nossa Senhora da Salvação da Vila d'Arruda, Distrito de Lisboa. Nasceu na Vila d'Algozo, da Província de Traz-os-Montes, conforme uns, e na cidade de Vizeu, conforme querem outros. Nada consta com certeza quanto às datas de seu nascimento e óbito. Vê-se, porém, que florescia no primeiro quartel do século XVII.

Ainda foi secretário do Arcebispo de Évora, D. Diogo de Souza; foi mestre dos filhos de D. Balthazar de Teyve, fidalgo castelhano, morador em Lisboa; instruiu também a D. Duarte de Castello-Branco, primogênito de D. Francisco de Castello-Branco, Conde de Sabugal e Meirinho-mór do Reino.

Assinalemos suas obras:

Declaração so symbolo para uso dos Curas, pelo ill^{mo}Sr. Cardeal Bellarmino, traduzida da língua italiana. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1614. 8^o – Ubi, na Off. Craesbeeckiana, 1653. 8^o de v – 60 folhas numeradas só na frente.

Doutrina Christã, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1620. 8^o.

Socorro das Almas do Purgatório, para se Saberem tirar com indulgencia as almas nomeadas, e applicar-lhe bem a saitsfação das obras penaes e pi as, Ibi, pelo mesmo impressor, 1627. 12^o & ibi, por Antonio Alvares, 1645. 24^o (“estes tres pequenos opusculos, posto que não vulgares, são de pouca consideração”).

Verdadeira Grammatica Latina para se saber em tempo, escripta na lingua portugueza, com exemplos na latina, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1615. 8^o (“ainda não pode ver algum exemplar d'esta Grammatica, que não existe nas Bibliotecas publicas d'esta Cidade”)

Methodo Grammatical para todas as linguas, por Pedro Craesbeeck, 1619. 4^o de XXXII – 241 pag., e mais 7 no fim sem numeração (“o unico exemplar que conheço desta obra vi-o na Biblioteca Nacional de Lisboa”)

Grammatica Latina mais breve e facil que as publicações até agora, na qual precedem os exemplos as regras, Lisboa, por Antonio Alvares, 1625. 8^o de XXII – 176 pag. (“pouco vulgar, como as demais obras do autor”).

Regras da Orthographia Portugueza. Ibi, pelo mesmo Impressor, 1615. Uma folha (“esta edição, citada por Barbosa, é raríssima, e não conheço nem jamais vi algum exemplar dela. Mas em seu lugar aparece uma reimpressão, que também não é comum, com o título seguinte: Regras da Orthographia da Lingua Portugueza, recopiladas por Amaro de Reboredo, expostas em forma de dialogo, novamente corretas; com a Taboada exatissima de Andre de Avellar, Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra: ampliada com algumas curiosidades pelo P. Bento da Victoria, etc..., Lisboa Occidental, na Off. Joaquiniana da Musica de Bernardo Fernandes Gaio, sem data de impressão. 8^o de VIII – 47 pag. Este nome de Bento da Victoria é um pseudônimo de que se serviu o P. Victorino José da Costa, por cuja diligência consta se fizera esta reimpressão”).

Raizes da Lingua Latina, mostradas em um Tractado e Diccionario, isto é, um Compêndio de Calepino, com a composição e derivacão das palavras, com a orthographia, quantidade e phrases d'ellas, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1621. 4^o de 443 pag. Preço 800 a 960 réis até 1:200.

Porta de Linguas, ou modo muito acomodado para as entender, publica do primeiro com a tradução hespanhola, agora acrescentada a portugueza,

com numeros interlineares, pelos quaes se possa entender sem mestre estas linguas. Ibi, pelo mesmo Impressor, 1623. 4^o de XXIV - 319 pag. ("Tractado de Reboredo o nosso grande philologo Jose Vicente Gomes de Moura diz: 'Este distincto grammatico mostra-se nas suas obras superior ás idéas do seu tempo: das linguas latina e materna em um mesmo compendio, e concebeu a idéa dos principios geraes da grammatica, e da grammatica comparada: bem como a necessidade de reformar o methodo por que então se ensinava a lingua latina' ").

ANÁLISE

Discussão

Porta de Línguas, a obra em questão, volta-se para o conhecimento linguístico e pedagógico ao propor a sistematização da Língua Portuguesa disposta em dez capítulos, aos quais voltaremos mais adiante, antecipando os temas abordados: os caminhos para aprender línguas (regular, irregular e meio e comparação entre eles); o acréscimo de vocabulário dentro de sete fundamentos (tempo, lugar, estado, significação, estilo, modo, opinião); as sentenças e orações, as frases e a elegância; tradução das sentenças em outras línguas; necessidade da impressão da obra frente ao aproveitamento que esta deveria provocar.

[...] vemos aparecer novas metodologias para o ensino de línguas, reforçando a destinação pedagógica das gramáticas. A *Porta de Línguas* de Roboredo mostra isso no que respeita à língua latina e à língua portuguesa (além da castelhana). (BORGES NETO, 2022, p. 229)

Os objetivos pedagógicos ligados à necessidade de ensinar os sujeitos da classe dominante a falar e escrever bem a própria língua, a Língua Portuguesa, como também a Língua Espanhola e o Latim, que, em sua opinião, deveria ser ensi-

nado por meio da língua materna, como afirma BORGES NETO (2022, p. 211): “Roboredo era professor de latim e defensor de que o ensino da língua latina devia ser feito na língua materna dos estudantes.”

A obra revela um projeto ambicioso, trazendo estratégias de ensino para que se adquirisse uma língua por meio da “cópia”, sem a necessidade premente de professor, ficando subentendida, neste momento, a marca definitiva da validade de um texto como o seu. Salientamos ainda, na obra de Roboredo, a importância atribuída à aquisição de palavras portuguesas e espanholas, uma vez que há, nesse aspecto, dois pressupostos de caráter político: primeiro as línguas portuguesa e espanhola estão no mesmo nível, o que, no século anterior, era inadmissível, havendo diálogos em que se discutia a superioridade de uma língua sobre a outra, e não eram poucas as cartinhas que tratavam do mesmo assunto; segundo, pondo em paralelo as duas línguas, torna-as separadas das demais latinas, como se elas fossem a evolução do Latim, e as outras não.

Sobre o *Porta de Línguas*, de acordo com ASSUNÇÃO E FERNANDES (2007, p. XX), Amaro de Roboredo esclarece o que se segue:

Grande parte das palavras latinas das *Raizes*⁵ corresponde às da *Porta de Línguas*, trazendo a referência numérica da respectiva sentença, como por exemplo, a palavra “Methodus. F. 868, Metodo (*sic*), via, ou modo de ensinar breve” (*Ibidem*: 228), que, de facto, se encontra na sentença 868 da nona centúria...

Segundo o autor português, a *Porta de Línguas* tinha 5.202 palavras diferentes, que ele nas *Raizes* analisou. Às quais acrescentou 17.214 palavras derivadas, perfazendo o total de 22.416:

⁵ *Raizes da Lingua Latina mostradas em hum tratado e dicionário, isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia quantidade e frases dellas*, com a data de 1621, mas possivelmente só publicado em 1623.

Para compor esta primeira parte do vocabulário, que aqui ofereço, trouxe a juízo cada palavra do calepinp, e as ponderi, e contei. Porque nas sentenças se conteem outras 17.214. E todas fazem somma de 22.416 (*Ibidem*: “ao Juiz”, pp 47-48).

Contudo, das palavras que não faziam parte das sentenças da *Porta de Linguas*

Acrescentei mais significados para os Portugueses, que para os castelhanos; porque estes as tomarão facilmente daqueles, pera os quais principalmente se ordena a obra (*Idem 1621: Advertencia*”, 2)

Isto posto, percebemos que a dedicação do gramático seiscentista foi intensa, objetivando instruir os interessados nos estudos de línguas portuguesa, espanhola e latina, de maneira mais clara e eficiente para que os alunos entendessem melhor os ensinamentos gramaticais (substantivos, adjetivos e verbos) e ampliassem o vocabulário por meio da compreensão das sentenças.

Como mencionamos o livro é dividido em dez capítulos na primeira parte e em dez centúrias (dez coleções de cem sentenças) na segunda parte. Entre os capítulos da primeira parte, encontra-se o seu método de ensino "do meio", isto é, unindo a praticidade à gramática, com sentenças que pertencessem ao universo de experiências do aprendiz, e gramaticalmente corretas para que ele as interiorizasse, esse seria o melhor caminho para se ensinar a língua portuguesa aos meninos nobres, sua língua materna, e aos demais conquistados como uma nova língua a ser aprendida.

Finaliza a primeira parte, considerando que os mais bem dotados de memória conseguirão melhor se aplicar em sua obra, donde se observa que a memória é um fator importante para o aprendizado de línguas, segundo Amaro de Roboredo, e justificando que a divisão das sentenças em centúrias facilitará a aprendizagem àqueles que desejarem elevar seu nível cultural e/ou aprender uma segunda língua.

Ainda sobre o *Porta de Linguas, ou modo muito acomodado para as entender, publicado primeiro com a tradução hespanhola, agora acrescentada a portugueza, com numeros interlineares, pelos quaes se possa entender sem mestre estas linguas*, o filólogo José Vicente Gomes de Moura⁶, estudioso que viveu entre os séculos XVIII e XIX, menciona-a como obra didática que visa à aprendizagem comparativa do latim, sendo baseada na *Ianua Linguarum sive Modus maxime accomudatus, quo patefit aditus ad omnes linguas intelligendas*, publicada em Salamanca, no ano de 1611.

Destacamos *Porta de Linguas*, como nosso objeto de estudo que será analisada mais amiúde a partir do Prefácio, da Introdução intitulada "ao iuiz deste artificio", seguida de um Prólogo, e dos capítulos que *abrem portas para todas as linguas*, ordenados pelo seu autor, de acordo com a sua intencionalidade que subjaz a todo processo discursivo.

No Prefácio, inicia seu texto tratando dos primeiros momentos da alfabetização dedicada aos meninos, com o objetivo de encaminhá-los às artes liberais, como convém aos fidalgos, àqueles que têm natureza nobre, cujo sangue é dos mais nobres do reino, denotando sua posição de engajado (no reino) e reforçando seu respeito ao tecer elogios ao Rei e aos do reino.

Os textos da apresentação da obra e as concessões de licença para sua publicação apontam o tempo e o espaço com algumas informações sobre as condições de sua produção: apoio da nobreza e do clero para um português pertencente ao clero, secretário do Arcebispo de Évora e mestre dos filhos de nobres, durante a primeira metade do século XVII, e os demais, por alguns outros indivíduos pertencentes também ao clero ou à nobreza que dão autorização para a publicação da obra, cuja capa do livro está abaixo:

⁶ O padre José Vicente Gomes de Moura nasceu em Mouronho em 1769 e faleceu em Abraveia (Poiares) em 1854. Foi professor de latim e grego no Real Colégio das Artes e Universidade de Coimbra.

Imagem 1: Capa da obra *Porta de Línguas*)





Porta de Línguas

ou Modo Muito Accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interlineais, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que não sabe, com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que querem aprender, e ensinar brevemente; e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e Espanhola.

Autor Amaro de Reboredo Português

Ao Ilustriss. D.D. Francisco Castelbranco Conde de Sabugál Meirinho môr nos reinos de Portugal, etc.

Alcaide mor de Santarém, etc..

Com licença dos superiores em Lisboa

Da officina de Pedro Craesbeck impressor del Rei. Anno de 1623

Vendese na rua nova na venda de Manoel da Silva

O *Julgamento Nacional* que a Comissão examinadora da obra faz para o supremo senado da Santa Inquisição, assinado por um nobre Dom Vicentius e por um religioso Frei Andreas concede a publicação da obra no ano de 1620:

Vista a informação podese imprimir esta obra, e depois de impressa torne para se conferir com o original e se dar licença para poder correr; e sem ella não correrá.

Antonio Dias Cardoso G. Pereira

Marcos Teixeira Francisco de Gouvêa

Que possa imprimir este livro, vistas as licenças do Santo Officio e Ordinario em Lisboa. 11 de janeiro de 1623.

Gama Inacio Ferreira A. Cabral Dinis de Mello

Concorda perfeitamente com o original impresso que foi en



tregue e oferecido a mim em nosso mosteiro Diaconato. 8
de Abril de 1623.

D. Vicentius

Taxase este livro em cinco tostões em papel. Em Lisboa a
7 de Abril de 623.

V. Caldeira Araujo (Facultas > indicação de página)⁷

Compreendendo-se algumas das razões que levaram o autor em questão a escrever essa obra, devemos nos remeter a BASTOS (2020, p.114) ao afirmar que:

[...] o fazer historiográfico deve estar voltado também à correlação das dimensões externa e interna ao selecionar, ordenar, reconstruir e interpretar um documento, tanto para estabelecer uma contextualização histórica (social, econômica, cultural, linguística e ideológica) que leva ao entendimento de seu estado no período estudado (dimensão externa), quanto para compreender as ideias linguísticas veiculadas e as afirmações teóricas propostas pelo autor do documento sobre os temas desenvolvidos na teoria proposta (dimensão interna).

O autor deixa-se perceber pelo seu compromisso social de fazer saber àqueles que ainda não possuem nenhum conhecimento e, ainda, pelo seu compromisso profissional com os demais mestres que poderão reduzir o período de tempo do processo ensino/aprendizagem de seus alunos, pois a brevidade de trabalho deverá ser conquistada com o uso desse novo método. Revela, também, dentro do contexto histórico, a sua relação com Espanha, uma vez que temos, na época, Portugal sob o domínio espanhol.

Trabalha, assim, com uma edição portuguesa, pois considera que os estrangeiros que se utilizarem do seu método para aprender português poderão tam

⁷ As páginas do livro *Porta de Línguas* não são numeradas. Usa-se uma indicação, ao final das páginas, na última linha, apenas das palavras que iniciarão a página seguinte.

bém aprender o espanhol. Neste momento, percebemos a presença do autor engajado com o poder, não podendo desconsiderar a língua daqueles que dominam a nação portuguesa na época da publicação, obrigando-se, assim, a dar a devida atenção a seus dominadores sem deixar de estar atento aos seus compatriotas que, em terras conquistadas, estariam ensinando, além do espanhol, o português para que Portugal continuasse o domínio linguístico em terras de além-mar.

A presença do autor, caracterizado social e historicamente na obra, registra sua submissão ao poder político e eclesiástico, com convicções acerca da ligação com as raízes da língua latina, apontando a preocupação com o eruditismo do qual não haviam se desprendido nem a nobreza, nem o clero. Na continuidade, há o oferecimento da obra, feito ao seu protetor, detentor de título nobiliárquico e cargos diversos, e há a impessoalidade do locutor, mas, mais uma vez, notamos o autor que bajula o mais nobre para conseguir a proteção de que necessita para ter a sua obra publicada em Portugal com dados sobre Editora, ano de publicação e local de venda, elementos indispensáveis em qualquer obra de qualquer época, que revelam o lado comercial do livro.

Religião e nobreza garantem a publicação da obra que propiciaria a continuidade da expansão da língua portuguesa, o que se nota na dedicatória em que se faz referência a D Francisco de Castelbranco, Conde de Sabugal, Meirinho-mor de Santarém; e, com a intenção de se envolver e envolvê-lo em seu discurso, prossegue dedicando a sua obra e desejando:

[...]muitas graças a V.S. a quem Deus guarde per muitos, e ditosos annos em sua divina graça com perfeita saúde e lhe dê sua eterna gloria. Lisboa. 12 de dezembro de 1622.

Capellão de V.S.



Amaro de Reboredo⁸

Em seguida, tem-se a Introdução, intitulada "Ao iuiz deste artificio", em que se refere aos benefícios que se obtêm ao se aprender a gramática, pois todos aqueles que o fazem tiram muito proveito para si, no entendimento não só da própria língua, como também de todas as línguas. O autor enumera as razões que o levaram ao trabalho linguístico das quais trataremos a seguir.

A primeira razão revela ser a presente obra um projeto ambicioso por pretender que se adquirisse uma língua por meio da "copia de palavras", estratégia já mencionada que dispensava a presença de professor, ficando subentendida a marca definitiva da importância de um texto como o seu. Outro ponto abordado – a aquisição de palavras latinas, portuguesas e espanholas – merece ser comentado, uma vez que se têm nessa observação dois pressupostos de caráter político: primeiro, as línguas Portuguesa e Espanhola estão no mesmo nível, o que, no século anterior, era inadmissível, havendo diálogos em que se discutia a superioridade de uma língua sobre a outra, situação revelada em publicações, em forma de cartilhas, que tratavam do assunto; segundo, pondo em paralelo as duas línguas, torna-as separadas das demais latinas, como se fossem a evolução do Latim, e as outras não;

A segunda razão revela Roboredo, autorizado pelo poder, considerando-se experiente em termos de ensino, para criticar a tendência da escola que, segundo ele, encaminha as crianças à cópia de palavras isoladas de vários assuntos, o que significa uma grande perda de tempo, resultando em uma aprendizagem excessivamente lenta. O autor propõe, através de sua autoridade, que se estabeleçam novos critérios para que haja uma aprendizagem efetiva num menor espaço de tem-

⁸ Sem a indicação da página seguinte, por ser a última da dedicatória AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. FRANCISCO DE CASTELBRANCO).

po. Julga serem as sentenças por ele compiladas as necessárias para qualquer leitura ou produção dos diversos tipos de texto. Pelo estudo da palavra isolada, o "ganho de palavras" é pequeno, isto é, o estudo da palavra fora do contexto não parece eficaz, enquanto o estudo das palavras agrupadas em sentenças com assuntos ligados ao aluno, e pertinentes à época, torna-se eficiente, deixando-o apto a elaborar textos;

A terceira razão, assentada na crítica aos gramáticos do século anterior que trabalhavam as palavras e não as frases constituídas pelas palavras, apresenta Roboredo como locutor consciente de seu dever de legislador, na assertiva de que se deveria ensinar aquilo que fosse ligado à vida do estudante, propiciando-lhe maior facilidade na leitura e na produção de sentenças, para que tal alocutário pudesse ajudar a preservação da língua materna;

A quarta razão baseia-se na necessidade de se ensinar a língua materna com premência, pois o que se tinha era o ensino do Latim como determinação nas escolas que preparavam para uma educação humanística, sendo as letras humanas – línguas e literaturas grega e latina – de grande importância. Em consequência disso, o ensino de língua portuguesa era deixado de lado, e Roboredo faz a sua crítica a essa posição assumida pela escola, mostrando, intencionalmente, a objetividade dessa nova consciência, e argumenta, baseando-se certamente com propósitos políticos que, na Espanha, o ensino do espanhol já acontecia nas escolas de Salamanca "per estatuto do anno de 1612";

A quinta mostra que Roboredo, apesar de querer priorizar o Português, tem sua atenção voltada para o Latim, pela sua importância na formação das neo-latinas; não se quer desvincular o ensino do Português do ensino do Latim, na medida em que, através do ensino daquele, chegar-se-á às raízes deste; no entanto, os meios para se atingir o fim são outros, pois o que se pressupõe, *a priori*, é que os portu-

gueses devem querer dominar a sua língua, para depois partirem para o entendimento da Língua-Mãe, o que aconteceria ao longo dos anos, com lições contínuas e com a orientação dos mestres, que saberiam aproveitar as lições que houvesse nas palavras, composição e ortografia;

A sexta apresenta as pessoas às quais a sua obra se destina: todas as que estiverem interessadas na Língua Portuguesa: tanto àqueles que nada conhecem da língua, como os estrangeiros, quanto àqueles que, sendo falantes da língua, querem estudá-la a fim de se aperfeiçoarem na fala e na escrita, e ainda, àqueles que, sendo doutos, pretendem, vez por outra, recorrer a um livro para uma consulta.

A sétima e última razão revela o desejo de Roboredo de elaborar uma obra abrangente em vários aspectos: propriedade das palavras, diferença, composição, derivação, sintaxe. Esta última deve ser notada, pois nas obras do século anterior quase nada a respeito da sintaxe era estudado ou citado, enquanto agora se cita o termo com a intenção de se fazer um estudo em que se encaixem também as relações das palavras na frase.

Neste momento da introdução, a voz do gramático se manifesta na preocupação existente no que diz respeito ao seu público, que será o juiz de sua obra, ao qual ele se expõe para os julgamentos que sejam de peso, aqueles que poderão ter novos comportamentos diante de sua obra, aproveitando-a. No entanto, precavê-se contra os invejosos e ignorantes que, segundo ele, não saberiam julgar a sua obra, dirigida tão somente aos sábios e aos nobres, pertencentes à fidalguia portuguesa:

Nem quisera que ignorantes, e apaixonados a julgassem: porque os primeiros sem cuidarem, e os segundos por seu particular proveito encontrarão o *commum* infamando trabalhos alheos, recebendo



primeiro em si, ou juntamente a infamia de ignorante que querem imputar ao autor, ou de invejoso, ou de ambos juntos, pois o murmurador ambos os vícios agasalha. (cabendo > indicação de página)

Determinado pelo clima de opinião, Roboredo revela-se no texto como protagonista do discurso, representando um lugar claramente delineado na estrutura de sua formação social (nobreza/clero), apresenta seus objetivos: ensinar aos nobres, aperfeiçoar a língua portuguesa e preservá-la, mantendo-a como instrumento de poder e de domínio, estão expressos de maneira patente: “semear a fé para aprender as barbaras, [...], conhecer os pensamentos do peito das gentes estrangeiras, [...], ajuntar abundancia de palavras, [...], aprender as linguas, etc”.

A vontade política revelada pelo autor demonstra o seu envolvimento com a nobreza em todos os aspectos referentes à necessidade de perpetuação do poder por meio da língua e, principalmente, a afirmação da língua portuguesa num período de grande interferência política de outra nação. Assim é que tece considerações acerca da comodidade que as pessoas terão quando, pela **porta de línguas**, conseguirem se comunicar com outras pessoas de outra nacionalidade e enumera as vantagens de sua obra, criando a obrigação que leva à necessidade.

O problema da dominação – povo dominador (Portugal) / povo dominado (Portugal), preocupado com seus dominados (os de Além-mar) / seu dominador (Espanha) – fica pressuposto no discurso do gramático que objetiva, através da língua, poderoso instrumento de dominação, levar seus hábitos e costumes aos conquistados, e deixar a sua língua viva diante do espanhol.

Manifesta a preocupação com a intelectualidade que poderia fazer uso da obra no que tange ao uso do vocabulário mais diversificado, e, ainda, com o aperfeiçoamento dos nobres, dos que não podem perder muitos anos no processo en-

sino-aprendizagem, e dos que desejam usar a língua com perfeição, correção e elegância.

O primeiro capítulo do livro se intitula “Da ordem que se ha de guardar neste trattadinho, e das partes principaes em que consiste a notícia de alguma língua” (que > indicação de página) e trata, naturalmente, da ordem natural a que a língua está submetida e da gramática. Para isso, num apelo ao testemunho de autoridade, é feita, logo de início, menção ao divino Platão, que disse: “A ordem he alma das coisas”. Primeiramente, trata-se do fim – que é mostrar um método fácil, breve e certo de se aprender todas as línguas; em segundo lugar, trata-se dos meios – que são os preceitos para se alcançar o fim, tratando da prática, execução e circunstâncias. Em seguida, comenta, revestindo-se da autoridade conferida a ele e aos demais gramáticos (“chamamos”), que toda língua consta de:

[...] quatro membros principaes, palavras, conveniencia, frases, e elegancia. As palavras dã o vocabulario; a conveniencia, a Grammatica; as frases, os autores; a elegancia, os Retoricos a rebuscção com suas figuras: chamamos frases as propriedades, ou particulares modos de fallar de cada língua. (cami- >indicação de página)

O segundo capítulo se intitula: “De tres caminhos de aprender as linguas, regular, irregular e meio; e da comparação delles entre si”, tendo início a discussão do fim, isto é, demonstra a questão pedagógica, um método de se aprender línguas acessível a todos que pretendem fazê-lo. Expõe os dois métodos: regular e irregular, e propõe um terceiro: o meio:

[...] o regular, qual he a Grammatica para guardar as conveniencias, e irregular, qual he o commum uso dos que aprendem per licção, e falla nas linguas vulgares. Os quaes caminhos se hão hum para o outro desta maneira, que o regular tem mais certeza; e o irregular

tem mais facilidade: o primeiro se ha de antepor onde a lingua comumente se não usa: o segundo se ha de antepor onde a lingua he vulgar. Porem se o terceiro caminho do meio se pode achar, o qual em certeza iguale o regular e em facilidade o irregular, faria grande ventagem a hum, e ao outro; que he o que aqui com favor de Deus tomâmos a peitos descobrir. (apren- > indicação de página)

Esclarecem-se os dois caminhos: regular, seria o ensino de língua voltado para a gramática, e o irregular, voltado somente para o falar cotidiano, que deixa de lado o uso da Gramática; e o que se propõe, buscando na probabilidade a assertiva, na medida em que se unindo os dois métodos citados, poder-se-á "achar" um terceiro caminho – talvez o da gramática assistêmica, preocupada com as estruturas linguísticas da língua que se usa de fato, e não com as descrições da língua não mais usadas – Roboredo tenta buscar, descobrir o caminho, siga-se com ele.

O capítulo terceiro “Do caminho do meio de aprender as linguas que se deve aplicar ao primeiro membro das quatro acima”, apresenta três razões para se estudar o vocabulário pelo caminho irregular, partindo do dever aplicar. A primeira diz respeito à inutilidade de determinadas palavras para o uso cotidiano; a segunda, refere-se ao fato de que o conhecimento de uma palavra primitiva levará às cognatas e a terceira menciona a inutilidade das palavras que não estejam inseridas em um contexto, onde a sua “falta de sentido” gera a não-memorização por parte do aprendiz. Apresenta procedimentos para eliminar tais aspectos citados: para o primeiro, utilizar no “Calepino” somente as palavras mais familiares, isto é, o vocabulário ativo; para o segundo, elencar as palavras fundamentais, isto é, aquelas das quais derivam várias outras, para que as pessoas elaborem as condições e cheguem ao significado das cognatas e para o terceiro, fazer constar as palavras em frases que estejam acomodadas à memória, pois assim julga que mais fácil será o

ensino das línguas sem a preocupação com as palavras consideradas como compartimentos estanques.

O quarto capítulo: “De como se ha de ajuntar o vocabulario em o qual se achem as palavras apontadas co seus números”, propõe uma forma de se organizar o vocabulário sem que haja preocupação com classes de palavras e com múltiplas regras. Para isso, agrupa-as em sete fundamentos: TEMPO, LUGAR, ESTADO, SIGNIFICAÇÃO, ESTILO, MODO, OPINIÃO.

Neste momento é feita uma observação muito importante com relação aos vários usos de linguagem – preocupação encontrada na obra de Fernão de Oliveira, no século anterior –isto é, cita-se que há variação de usos de acordo com o nível social, profissional, etc... e, sem se envolver com os demais níveis, atém-se a um nível culto para a formação de seu trabalho, por ser este o seu objeto de valor.

Porque ha palavras a respeito de hum tempo familiares, e a respeito de outras raras: o mesmo he dos lugares, e dos estados, como nas palavras entre os médicos mui familiares, e entre outros raras: assi acharas a mesma palavra familiar em hua significação, e em outra rara: no estylo poetico familiar, e no oratorio rara: no modo de escrever familiar, e no de fallar rara; na opinião de hum familiar, e na opinião de outra rara. Donde para que se procedesse prudentemente nesta obra, o que escolheo estas palavras se restringio a certos limites aos quais foram os estados dos discipulos que estudavão em Flandes letras de maior humanidade, onde elle mesmo passou a de leitosa carreira de seus estudos. (parte > indicação de página)

O capítulo quinto “Das sentenças, e oração continuada no fim” discute por que método proceder para se agrupar as palavras em sentenças, determinando que se tivesse como tema a moralidade, que é observada até a sexta centúria, e posteriormente, apesar de não terem a mesma força, continuam as sentenças com palavras familiares sem, no entanto, serem usadas as “torpes que não devem ser

nomeadas”. O “não dever ser” revela, mais uma vez, a modalidade imperativa na atitude do gramático, criando a obrigatoriedade no leitor ao compactuar com este, tratando-o por “benigno lettor”, e ainda a atitude proposicional do locutor quando da atribuição da glória a si próprio pela “difícultosa” tarefa:

Porém nas ultimas centurias, como já a idade decrepita fosse em certo modo carregado, confessamos q algumas sentenças não igualão as primeiras, as quaes sendo poucas entre tantas sentenças, confi-amos que o benigno lettor as sofra com bom animo. Porque assi como nas primeiras sentenças vão espalhadas a cada passo muitas coisas agradaveis por causa de certa curiosidade, como são as primeiras sentenças de Deus, e do mesmo principio, e as que logo se seguem ate a sexta, a settima, dando razão porque deixamos algumas palavras familiares, a saber, as que significão cousas torpes, que não devem ser nomeadas: assi tambem não falta aas derradeiras sua elegancia e graça. Porque havendo mais de cem Adverbios; e pa lavras indeclinaveis, que de nenhua maneira se podião commodamente meter nas sentenças mais breves (pertencendo a maior parte dellas mais para ajuntar as partes da oração continuada, destas, e de outras palavras deixadas no fim a caso, se compôs ua oraçãozinha, de maneira, que foi forçado ao que a compôs restringir sômente aquellas palavras que estavam espalhadas no vocabulario per ordem abecedaria, e muito disparatadas, que foi cousa muito difficultosa. De que modo fez isto facilmente o verã o benigno lettor, quãdo se imprime aquelles dous versos de Horacio, e Ovidio com diversos crateres, para que se conheça que forõ tomados sômente pela autoridade. (benig > indicação de página)

Deve-se salientar a afirmação de haver no texto “cousas agradaveis por causa de certa curiosidade”, assim como palavras com “elegancia e graça”, deixando de lado as “cousas torpes”. Citados “Horacio e Ovidio com diversos crateres, para que se conheça que forõ tomados sômente pela autoridade”, fica no subentendi

do a autoridade que é concedida aos prestigiados pelo reino, para criar nos outros a obrigação.

O capítulo sexto “Da conveniência” mostra que tudo o que se ensina na gramática pode ser ensinado pelas sentenças, de maneira mais fácil e mais rápida, e com maior certeza de fixação do que por meio das regras gramaticais, o que seria aplicado às línguas vulgares, pois para elas, havia sido elaborado:

Porém nas línguas das Escolas a saber Latina Grega Hebraica q per metodo se ensinão nellas, não bastará este caminho de meio para adquirir a arte de Grãmatica: porque os fiis da Grãmatica são dous, a saber fallar concertadamente, e este he o principal cõmun á arte, e ao uso; e ensinar scientificamente os preceitos, com os quaes se faz adquirir a conveniencia, não de qualquer modo, senão per meto do, e caminho artificioso. (fim > indicação de página)

Percebem-se, pois, duas posições distintas: uma, no posto, com relação ao ensino das línguas clássicas, ensino mais cuidado, e outra, no subentendido, com relação às línguas vulgares, a saber, as românicas, mais especificamente o português, por amor à preservação da língua materna, e o espanhol, por imposição do momento histórico, com o ensino mais prático, mais acessível àqueles que desejam sem falar mais “concertadamente”. Tem-se na “conveniência” o conceito do correto, pois aquilo que não estiver de acordo com as normas gramaticais não estará convenientemente posto, o que não seria adequado para um indivíduo que, inserido num determinado momento histórico, ligado aos padrões impostos pela nobreza da época, deveria saber os “preceitos, com os quaes se faz adquirir a conveniência”.

O capítulo sétimo "Das frases, e elegância" remete ao seguinte: as palavras são entendidas nas frases, então as frases são entendidas "com brevidade e como didade" no discurso. No entanto, Reboredo não assume a parte do discurso; diz



que isso ficará para outra obra, e acrescenta que se alguém quiser fazê-lo, poderá partir de suas propostas:

Assi como as palavras se podem compreender em sentenças, assi as frases e elegância se podem com muita brevidade, e commodidade perceber em hum discurso continuado; mas porque a execução dis to requiere muitos obreiros para se fazer bem, e perfeitamente, he necessario remeter isto aas outras edições q se seguire. Seentretanto algum com seu estudo particular quiser isto pera si, e pera os seus, esta regra lhe bastará. Primeiramente se hão de ajuntar frases dos autores, que de proposito trattão dellas, e semelhantemente as elegancias... Secundariamente, assi como as palavras se reduzem a hua oracãozinha despois das sentenças sem se repetir palavras; as si todas aquelas cousas se hõ de ajuntar em hum discurso sem as superfluas repetições da mesma palavra. (Se > indicação de página)

Assim como se louvou a intuição do gramático em questão ao falar que as palavras isoladas não têm significado, deve-se aqui ressaltar a exagerada simplicidade no ato de fala, modalizado pela asserção, ao afirmar que o discurso se faz de um amontoado de sentenças sem a supérflua repetição de palavras.

O capítulo oitavo “Da tradução das sentenças em outras línguas vulgares” apresenta considerações acerca da finalidade de se traduzir as sentenças para as línguas vulgares: fazer os que não sabem Latim aprenderem-no por meio das vulgares, e fazer com que os que não sabem as vulgares, aprendam-nas por meio do Latim. Com relação ao vocabulário, diz que, se algumas palavras faltam, foi porque cada qual poderá acrescentá-las ao estudar, fazendo novas combinações, o que ele sabe ser possível a todo nobre português: “a cuja imitação facilmente cada hun com seu estado poderá ajuntar as que faltão”. (Pelo > indicação de página).

O capítulo nono "Da impressão" traz a opinião de algumas pessoas acerca da obra em pauta, havendo uma de um varão "prudentíssimo" francês, da Companhia de Jesus na Província de Veneza, que dizia o seguinte:

Pelo sangue dos zelosos, e salvação das gentes vos rogo, que não me negueis esta esmola espiritual, que tanto importa para a salvação de tãos milhares de almas: e deste modo a multidão, que ningué pode contar de toda gente e lingua, terá particular ocasião de rogar por vos seus benfeitores. (por > indicação de página)

A gente referida na fala de tal varão são os índios orientais e ocidentais que estavam ainda sendo catequizados pelos portugueses que impuseram sua língua aos dominados. Essa mesma gente, representando aqui os alocutários, deve crer naquilo que o locutor, com sua força argumentativa modalizada pelo dever-fazer, ordena, criando a obrigação no dominado. O varão reforça a autoridade de Roboredo, por ser também parte do aparelho ideológico do Estado.

O capítulo dez "Da execução, e circunstancias" inicia-se com a afirmação de que, tendo sido a obra bem clara em seu fim e em seus meios, a execução foi fácil, e o resultado foi positivo: "[...]esperamos que ninguém será tam ingrato, que não julgue esta obrezinha por proveitosíssima."

RESULTADOS

Roboredo manifesta a crença no conteúdo veiculado e nega a possibilidade de alguém estar contrário àquilo que é proposto por ele. Em seguida, considera que os mais bem dotados de memória conseguirão melhor se aplicar em sua obra, donde se observa que a memória é um fator de importância para o aprendizado de línguas. E finaliza os capítulos com a justificativa da divisão das sentenças em centú

rias, para facilitar a aprendizagem àqueles que desejassem elevar seu nível cultural e/ou aprender uma segunda língua.

E assi como he aprazível aos caminhanes caminhar per caminho dividido em milhas per partes iguaes, para saberem quanto teem andado: assim será agradável aos que forem discipulos deste artificio a divisão de toda esta obrezinha em centurias, para que tenham bem visto, e saibão quantas centurias decoraram, a quantas lhes restão por decorar. (IN- > indicação de página)

Com relação às sentenças, apresenta considerações acerca de sua validade, questões gramaticais e instruções pedagógicas para serem lidas, aconselhando os alunos que estudem em paz, concentrando-se somente nas sentenças porque elas terão respostas para tudo, isto é, tratarão de todos os assuntos.

As sentenças são apresentadas em três línguas: Português, Espanhol e Latim, e através desse procedimento, fica subentendido o envolvimento do locutor com diversos problemas externos. Em primeiro lugar, escreve em Português por ser a sua língua materna e por estar preocupado com a preservação do idioma no adverso contexto da época. Em segundo lugar, escreve em espanhol por estar a sua nação dominada pelos reis de Espanha, o que o obriga a se curvar diante do dominador. Finalmente em Latim, por ser esta ainda a língua clássica, aquela que deveria constar de uma educação requintada.

Preocupa-se Roboredo com o estilo, isto é, com a não repetição de palavras, usando-se então a elipse do substantivo; e com a entoação das palavras marcadas com o acento agudo e com o acento circunflexo que determinarão as sílabas fortes e as mais fracas.

Para finalizar a “Introdução para as Sentenças”, o autor volta a lembrar o método adequado ao aprendizado do aluno que deve se valer de sua memória, de-

corando algumas sentenças por dia, podendo aumentar o número inicial (de cinco a sete) à medida que o tempo for passando, pois considera que a memória exercita da captará mais sentenças. A cada sentença, o aluno deverá identificar as partes da oração, o que facilitará o entendimento. Tal método mnemônico, aliado ao entendimento da construção das sentenças, pode ser proveitoso, pois toda a aquisição de linguagem se faz por fixação de palavras e estruturas, que vão se incorporando à nossa memória.

Julga Roboredo estar o aluno capaz, após ter cumprido todas as centúrias, de entender os conceitos mais fáceis e a linguagem mais simples; no entanto, os oradores e poetas, por terem os conceitos mais difíceis e a linguagem mais elaborada, devem ser deixados para depois de adquirirem uma boa base de língua. e Finaliza, por meio de uma pedagogia da crítica e da recompensa, citando os incentivos e obstáculos a que os alunos estão sujeitos, revelando a atitude proposicional, através do verbo *confio* que denota a possibilidade de os alunos, após terem "repreensões, vituperios e castigos", receberem "emulações, louvores e premios".

Em seguida, iniciam-se as Centúrias, compostas de mil e duzentas sentenças e, ainda o Apenso de Palavras duvidosas, com mais sessenta e duas sentenças. Agrupam-se as sentenças por assunto, abordando cada uma delas um aspecto da vida das pessoas da época, de acordo com a necessidade, momento histórico com partilhado pelos leitores e pelo gramático em questão, comprometido com o sistema vigente e preocupado com inculcar os valores morais irrefutáveis por aqueles servidores do poder.

Os assuntos vários, tratados de uma forma clara, constituem um “receptuário” de boas maneiras, atitudes, comportamentos, devendo ser seguidos (permissões) ou devendo ser evitados (proibições), de acordo com o conteúdo de cada uma das sentenças agrupadas em centúrias nucleadoras dos assuntos. Há, tam-

bém uma “tradução parafrástica da Última Centúria”, sem as versões espanhola e latina, com uma observação acerca das traduções *nunca* tão perfeitas quanto seus originais, em se tratando de um texto escrito aos pedaços, sem o estilo que pode ser usado num texto não fragmentado, sem cortes, seguindo uma organização num todo coerente e coeso.

Pelo que observamos nesta obra, Roboredo se apresenta comprometido com seu momento histórico (com a Corte, e mesmo a serviço dela), envolvido com a moral da época, revestido de saber e hierarquicamente colocado no cume da pirâmide social, atacando aqueles que não merecerão galgá-la. Utiliza-se de uma autoridade visível em cada trecho do livro, própria daquele que expõe algo para ser seguido sem questionamentos.

CONCLUSÃO

Podemos finalizar, afirmando que, no mundo contextualizado por ele, visualiza-se o público ao qual se destina a sua obra: a elite da sociedade “nobres e bem nascidos”. Tal alvo do gramático deve ser, além de intelectualmente capaz, educado e imbuído de preceitos vigentes na Corte de então.

O conhecimento linguístico está proposto e expresso na linguagem voltada para os engenhosos, pois aos rudes nada se guarda: “nem eu ofereço aos rudes, porque a agricultura não foi inventada para terras estéreis”, toda a carga de elitismo da Corte: um Portugal temente às forças espanholas, e operante no sentido de não deixar morrer a sua língua em sua gente tão sofrida, por estar dominada após ter dominado durante tantos anos. As estratégias de ensino são apresentadas adequadamente inseridas no espírito de época com algumas premissas inaceitáveis nos dias de hoje e outras que seriam muito bem aproveitadas como o caso de os humanos voltarem a utilizar a sua memória, voltarem a dar valor às descrições lin



guístico-gramaticais e voltarem ao entendimento relativo às possibilidades que a língua portuguesa nos apresenta.

REFERÊNCIAS

Fonte primária

ROBOREDO, A. **Porta de Línguas ou Modo Muito Accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola**. Lisboa, Oficina de Pedro Craesbeeck impressor del Rei, 1623.

Fontes secundárias

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968 – 1988)**. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

ASSUNÇÃO, C. FERNANDES, G. **Amaro de Roboredo - Methodo Grammatical para Todas as Línguas**. Edição Facsimilada. Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal, 2007.

BASTOS, N. B. O fazer historiográfico em Língua Portuguesa. In BASTOS, N. B. **Língua Portuguesa: uma visão calidoscópica**. São Paulo, EDUC-FAPESP, 2004, p.73-84.

BASTOS, N. B. Historiografia Linguística: princípios e procedimentos. In: Marquesi, Sueli; Andrade, Carlos Augusto (orgs.) **Abordagens da linguística: caminhos para pesquisa**. São Paulo: Terracota, 2008, p. 69-84.

BASTOS, N. B. e BATISTA, R. de O. (orgs) **Questões em historiografia da linguística** – homenagem à Cristina Altman / [Pierre Swiggers ... [et al.]; organização Ronaldo de Oliveira Batista, Neusa Barbosa Bastos. - 1. ed. - São Paulo: Pá de Palavra, 2020. Disponível em: https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Questoes_em_HL.pdf. Acesso em: 22 nov. 2025.

BASTOS, N. B. e CASAGRANDE, N. **Historiografo da Linguística: Referenciais Teórico- Metodológicos**. In LEITE, M. Q.; HACKEROTT, M. M. S.; SIQUEIRA, C. C de. **Tópicos em Historiografia da Linguística: Das Práticas Linguísticas À Meta-Historiografia** (orgs.). - 2. ed. - São Paulo: Publicações BBM, 2024, p. 333-354.

BATISTA, R. O. e BASTOS, N. B. Para uma história da didática do ensino de línguas pela perspectiva de Historiografia Linguística. In. **Linguarum Arena: Revista de Estudos em Di-**



dática de Línguas da Universidade do Porto, vol 10, 2019. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/LinguarumArena/article/view/6510>. Acesso em: 22 nov. 2025.

BATISTA, R. de O. **Cinco perguntas sobre histórias da linguística**. São Paulo, Pá de Palavra. 2025.

BORGES NETO, J. **História da Gramática**. Curitiba, Ed. UFPR, 2022.

KEMMLER, R. As origens da disciplina ‘historiografia linguística’ na Notícia Succinta (1823) de José Vicente Gomes de Moura. In: **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa. 2008: número 35-36. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/702>. Acesso em: 22 nov. 2025.

KOERNER, E. F. K. O problema da influência na historiografia linguística [1987]. In: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Col. Linguística II, 2014. [91-102].

KOERNER, E. F. K. Questões que persistem na historiografia linguística (1996, p. 45) . In: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Col. Linguística II, 2014. [91-102]

SWIGGERS, P. Histoire et Historiographie de l’enseignement du français: modèles, objets et analyses. **Études de Linguistique Appliquée**. 1990, p. 27-44.

SWIGGERS, P. A Historiografia da linguística: objeto, objetivos. In: **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa. 2013: número 44-45. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602/385>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SWIGGERS, P. Ideologia lingüística: dimensiones metodológicas e históricas. In **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa. 2019: número 56. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/316>. Acesso em: 22 nov. 2025.